



A CASA, O CHÃO, A PAISAGEM ÂMBAR

THE HOUSE, THE FLOOR, THE AMBER LANDSCAPE

Glaysen Arcanjo de Sampaio¹
FAV/UFG
Associado/a/e ANPAP: Não

Resumo: A casa é um lugar e uma ideia que atravessa minha vida e pontua meus processos artísticos. Este ensaio visual resulta de processos de criação e pesquisas artísticas surgidos com a observação do cotidiano e da vida ao meu redor, de incursões e derivas pelo quintal e da construção de pequenas cenas e paisagens em desenho, fotografia e ações em vídeo.

Palavras-chave: Paisagem. Âmbar. Ciclo. Processo de criação.

Resumen: La casa es un lugar y una idea que atraviesa mi vida y puntúa mis procesos artísticos. Este ensayo visual resulta de procesos de creación e investigación artística que surgieron de la observación de la vida cotidiana y de la vida que me rodea, de incursiones y derivas por el patio trasero y de la construcción de pequeñas escenas y paisajes en el dibujo, fotografía y acciones de video.

Palabras clave: Paisaje. Âmbar. Ciclo. Proceso de creación.

A casa, o chão, a paisagem âmbar

A casa é um lugar e uma ideia que atravessa minha vida e pontua meus processos artísticos. Na casa, meu corpo é redimensionado para circular por ambientes internos e externos; observar o cotidiano e a vida ao meu redor; e se aventurar a criar incursões e derivas pelo quintal e arredores.

Entre 2020 e 2022, num período marcado pelo desejo de construir pequenas cenas e paisagens âmbar, desenvolvi processos de criação e pesquisas artísticas realizadas com o Âmbar - Grupo de Pesquisa em Práticas Artísticas (UFG/CNPq)², utilizando-me principalmente do desenho, da fotografia e da realização de ações registradas em vídeo.

A instauração dos procedimentos de criação coincidiu com a chegada da seca em Goiás, nos meses de agosto, setembro e outubro, e, com isso, folhas, galhos e troncos de árvores, antes com exuberantes tonalidades esverdeadas, passaram lentamente a existir em escalas cromáticas amarelas, laranjas, ocre e marrons. Com observação atenta à



passagem do tempo e às transformações dos materiais e do lugar, percebi como essa ambiência âmbar predominava na vegetação e ditava as cores existentes naquele período na paisagem do cerrado.

Ao fazer da caminhada pelo quintal de casa uma ação diária, incorporei procedimentos simples às rotinas do cotidiano, tais como a coleta de folhas, plantas, raízes, frutas e galhos, e a instauração de arranjos com os elementos encontrados, bem como interferências mínimas diretamente no chão/solo/terra. Coletadas nas árvores e no chão, essas folhas foram levadas para o interior de casa e, em seguida, pacientemente organizadas na parede, numa composição circular de nome “Quando as folhas caem”.

Uma folha em especial, caída de uma árvore chamada chichá ou xixá, que em tupi faz referência a um fruto semelhante a uma mão ou um punho fechado, me serviu para configurar uma ação corporal que, em certo sentido, estabelece a ideia de continuidade existente na natureza, mas que aqui foi transportada para a relação existente entre o corpo humano e o corpo da folha gigante.

Outro procedimento recorrente naqueles dias de seca foi a realização de desenhos de observação direta, produzidos sempre nos fins de tarde. Os desenhos, intitulados “Árvores-raízes”, são exercícios de observação de árvores existentes no quintal da minha própria casa. Posteriormente, o exercício se expandiu para a observação de árvores dos quintais de casas vizinhas. Esses desenhos, feitos em papéis velhos e amarelados pelo tempo, utilizam-se de pigmentos naturais dos sucos de frutas retiradas das árvores do quintal. Em cada desenho há muitos traços, transparências e degradês nas tonalidades da cor âmbar, que nos fazem lembrar as cores tanto do pôr do sol como também das queimadas e do fogo — este último, inclusive, incorporado à fatura dos desenhos por meio da queima do papel e do pigmento natural utilizados.

Buscando eco na vida e na paisagem do cerrado, olhando para a passagem do tempo e as transformações dos espaços e matérias, tenho me atentado aos ciclos das plantas, às ações da seca, ao cair das folhas e aos elementos vivos que lentamente são incorporados aos solos, passando por decomposição, gerando novas vidas e continuando os ciclos da vida.

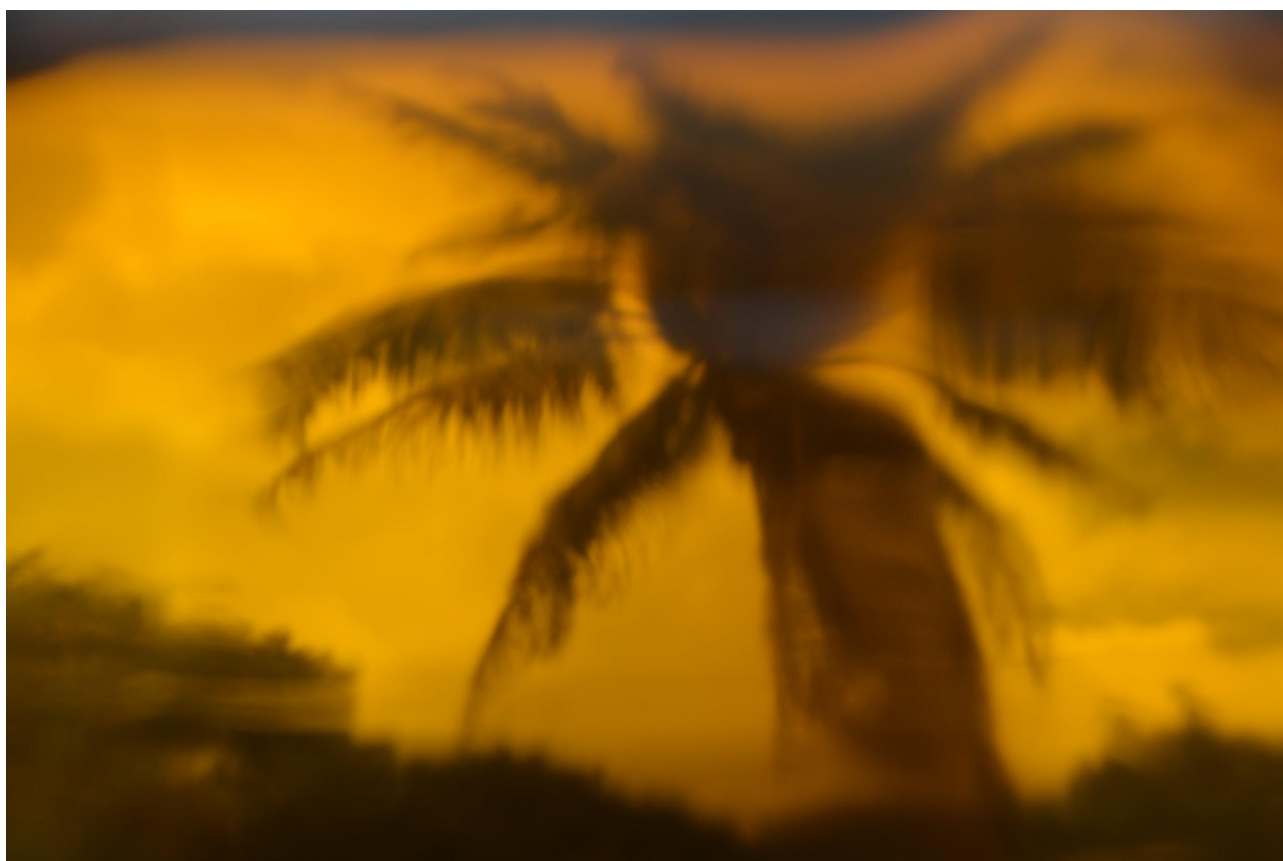


Imagem 1. Glayson Arcanjo, Paisagem âmbar. Fotografia. Goiânia. 2022.



Imagem 2. Glayson Arcanjo, Vista do quintal e arranjo com laranjas. Fotografia. Goiânia. 2022.



Imagem 3. Glayson Arcanjo, Arranjo com laranjas. Fotografia. Goiânia. 2022.



Imagem 4. Glayson Arcanjo, Coleta de folhas secas. Fotografia. Goiânia. 2022.



Imagem 5. Glayson Arcanjo, Círculo de folhas secas. Instalação. Goiânia. 2022.



Imagem 6. Glayson Arcanjo, Círculo de folhas secas (primeiro plano) e Desenhos de queima (ao fundo).
Instalação. Goiânia. 2022.



Imagem 7. Glayson Arcanjo, *Árvore* (série *Desenhos de queima*). Pigmento natural sobre papel. Goiânia. 2022.

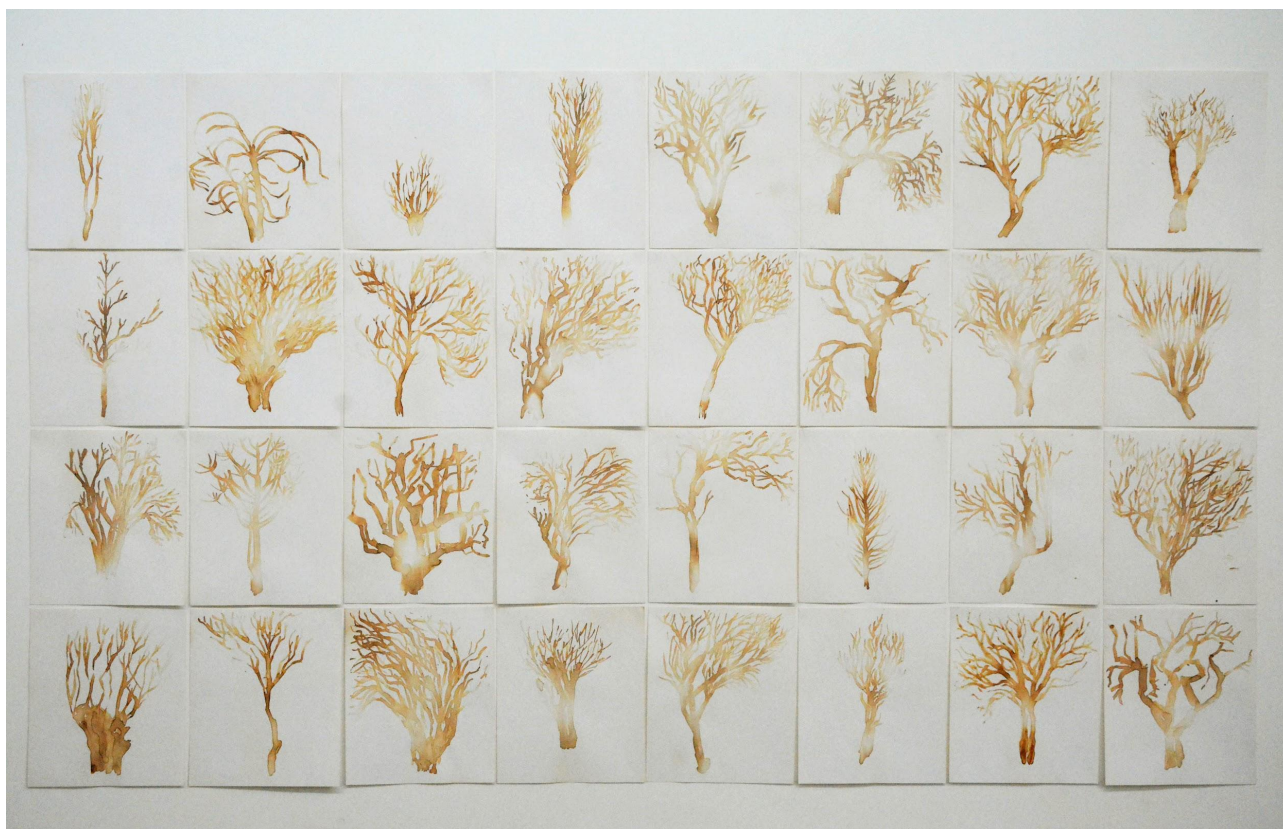


Imagem 8. Glayson Arcanjo, Conjunto de desenhos de observação de árvores (série Desenhos de queima). Pigmento natural sobre papel. Goiânia. 2022.



Imagem 9. Glayson Arcanjo, Planta-pé. Fotografia. Goiânia. 2021.



Imagem 10. Glayson Arcanjo, Xixá/Chichá. Fotografia. Goiânia. 2022.



Referências

ÂMBAR et al. Com os pés plantados nas nuvens. Goiânia: Editora dos Autores, 2022. E-book (68 p.). ISBN 978-65-00-46771-0. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/handle/ri/20925>. Acesso em: 06 jul. 2022.

COCCIA, Emanuele. A vida das plantas: uma metafísica da mistura. Florianópolis Cultura e Barbárie, 2018.

SANTOS, Antônio Bispo dos. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

Notas

¹ Artista plástico e professor adjunto na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (UFG). Coordenador da Galeria da FAV-UFG. Doutor em Artes pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas. Líder do Âmbar - Grupo de Pesquisa em Práticas Artísticas (CNPq) e integrante do NEDEC - Núcleo de Estudos em Desenho Contemporâneo (CNPq). Contato: glayson_arcanjo@ufg.br. Currículo disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3472855896398496>.

² Âmbar - Grupo de Pesquisa em Práticas Artísticas (UFG/CNPq) iniciou suas atividades em 2020. É composto pelos artistas-professores Adriana Mendonça, Eliane Chaud, Flávia Leme, Glayson Arcanjo, Odinaldo Costa, Rubens Pileggi e Paulo Duarte-Feitoza, todos atuantes no curso de Bacharelado em Artes Visuais da Faculdade de Artes Visuais da UFG.